

Usos da memória como recurso de contextualização no jornalismo digital

Mozahir Salomão Bruck

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9983-6072>

Ana Paula Fernandes Pimenta

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6038-1931>

Carolina Lopes Marques

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7383-336X>

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de discutir aspectos da produção do chamado jornalismo contextual articulado à noção de memória, a fim de compreender como esta é acionada na construção dos conteúdos jornalísticos que buscam oferecer, em uma perspectiva de contextualização, melhores circunstâncias de compreensão dos fatos e informações abordados. Para tal, toma-se como objetos de análise reportagens dos portais *Nexo Jornal* e do *UOL Tab*. Um primeiro entendimento propiciado por tal abordagem é de que a memória pode se fazer presente no jornalismo de diferentes modos, destacando aqui como esta, no acionamento de fatos e circunstâncias do passado, pode jogar luzes no presente da vida cotidiana. O jornalismo, por assim dizer, se vale da memória ao mesmo tempo em que contribui para configurá-la.

Palavras-chave

Jornalismo Digital; Jornalismo de Contexto; Memória; Nexo; UOL Tab

1 Introdução

Jornalismo e memória têm aproximações, enfeixamentos e sobreposições incontestes: ambos se consistem de diferentes tipos de textualidades, imagens e imaginários; assim como a memória, o jornalismo resulta de registros e relatos acerca do ocorrido e suas versões de

pretensos reais e ambos, enfim, se articulam narrativamente a partir de intensos e complexos jogos temporais entre passado, presente e futuro (RICOUER, 2007). Certo é que, a despeito da tendência de se associar prevalentemente a memória ao passado e o jornalismo ao presente, a memória se constrói é no presente e o jornalismo – cuja vocação *a priori* é narrar o factual, o acontecimento em ocorrência – acaba, substancialmente, se valendo também do passado, do antecedente, na tentativa de contextualizar seus relatos (FINK; SCHUDSON, 2014). Mais ainda: o jornalismo pode se constituir, ao seu modo e ao logo do tempo, repositório de narrativas e textualidades outras que incorporarão, também, as memórias futuras, em devir. (BRUCK; OLIVEIRA, 2017).

Neste artigo, debruçando-nos sobre a ambiência *online*, nosso interesse é refletir sobre aproximações entre jornalismo digital e memória (PALACIOS, 2010) como recurso e potência heurística presente no chamado jornalismo contextual (ZAMITH, 2008), em que se busca oferecer ao leitorado condições para uma mais efetiva compreensão de conteúdos, a partir da oferta de registros outros que, em função de sua anterioridade e tipos de relação com os fatos e circunstâncias atuais, possam auxiliar na interpretação e significação do presente. E parece mesmo fazer sentido o acionamento memorialístico como estratégia de alargamento e tentativa de aprofundamento contextual. Sendo a memória um infinito repositório de lembranças, percepções e mesmo de valorações do passado, mas instituídas no presente em circunstâncias de disputa e de negociação, sua ativação, com todas as ressalvas inerentes às construções e articulações de processos de significação, acaba por colocar sobre a mesa novos-velhos elementos que, focada ou difusamente, podem contribuir para iluminar o entendimento de fatos, situações e circunstâncias na atualidade.

Ao assumirmos neste artigo que o passado nunca está concluído (BRUCK, 2010), corroboramos a percepção de que o acionamento memorialístico pode lançar luzes sobre os fatos presentes, oferecendo ao leitor perspectivas e conexões de significação do complexo mundo em que está inserido. Mas é preciso ressaltar que a memória, como processo simbólico e cultural, resulta, ela mesma, de negociações, contradições e conflitos de distintas naturezas. Por isso mesmo, nos distanciamos de quaisquer entendimentos de que tal acionamento se dá, ainda que pontualmente, em circunstância de neutralidade ou imparcialidade. O gesto memorialístico – aqui entendido como o ato de acionar e valer-se da memória – denota vieses, recortes, angulações e enquadramentos ideológicos, culturais, políticos etc sobre o mundo. Não há memória pura e isenta, pois esta resulta sempre de disputas e negociações e também porque não é razoável que se considere a existência de uma

absoluta factografia (SELIGMANN-SILVA, 2005). E quando a memória substancia constructos narrativos como os do jornalismo, e muitas vezes sendo o próprio jornalismo a fonte deste memorável, tais processos parecem se complexificar ainda mais.

A tessitura dessa discussão envereda também pela reflexão acerca do jornalismo contextual, aqui entendido como tipificação possível que tenta nominar o conjunto de processos e práticas de um modo particular de fazer jornalístico que, guiado por objetivos específicos junto ao leitorado, acaba por se instituir a partir de uma busca de ampliação tanto em termos da diversidade quanto do aprofundamento das informações e dados que substanciarão a narrativa jornalística. Como referencial teórico, o artigo se detém na discussão acerca da noção sobre o contexto no jornalismo (FRANKLIN *et al.*, 2005; FINK; SCHUDSON, 2014; PAVLIK, 2001), o jornalismo interpretativo (SALGADO; STRÖMBÄCK, 2015) como ponto de origem desse contextual e as relações entre memória e jornalismo (BENETTI; FREITAS, 2015; MARTINS, 2014; PALACIOS, 2010).

Tomou-se como materialidade de observação as reportagens multimídia de dois veículos jornalísticos nativos digitais: o *Nexo Jornal*¹ e o *UOL Tab*². Partimos do pressuposto que ambos apresentam características do jornalismo de contexto. E neles buscamos perceber como se valem do acionamento da memória, em suas reportagens, para potencializar a oferta ao leitorado de horizontes mais ampliados de compreensão dos acontecimentos e dos processos sociais abordados que os contornam. Nosso entendimento é de que com o digital e a web – por meio do desenvolvimento das mídias digitais e as potencialidades que as mesmas oferecem – a capacidade do jornalismo em articular a memória em seus produtos se ampliou e vem se intensificando.

2 Práticas do Jornalismo Contextual

Realidade que a mídia jornalística experimenta há cerca de três décadas, a presença em uma ambiência digital de midiatização tem imposto ao jornalismo a necessidade urgente de adaptações a novas lógicas de produção e circulação de seus conteúdos e novas demandas sociais e profissionais. Nesse cenário de intensa produção e circulação de conteúdos, em que o antes mero receptor se vê agora também diante da possibilidade de produzir, compartilhar

¹ Jornal brasileiro online e independente lançado em 2015 que este artigo considera que possui conteúdos marcadamente contextuais.

² O *UOL Tab* é um projeto do Portal UOL, caracterizado pelo seu conteúdo majoritariamente multimídia e adaptado para um público consumidor de jornalismo produzido para a ambiência digital.

e fazer circular conteúdos informativos e mesmo noticiosos – atividade restrita anteriormente apenas aos jornalistas – tem se mostrado imperativo refletir sobre os processos de reconfiguração e rearticulação de algumas das dimensões estruturantes do jornalismo: seu papel, suas práticas e processos e suas entregas.

Importante considerar que se uma antiga justificativa técnica para a superficialidade do jornalismo praticado nas chamadas mídias massivas, ditas tradicionais – definida em limitações de espaço diagramático e tempo de veiculação – poderia ser superada com a chegada da internet e suas amplas possibilidades de acolhimento, exposição e circulação de textualidades, na prática, isso não tem se dado exatamente assim. O que se verifica nos ambientes jornalísticos também digitais é a prevalência de uma instantaneidade marcada por textos tão superficiais e curtos quanto ágeis. Fenômeno tão intenso que o que se observa vai muito além do que se poderia chamar de *apenas ecos* da mídia tradicional - uma circulação massiva e ininterrupta de informações e notícias curtas de modo a reforçar a sensação cotidiana de um mundo fragmentado e a-histórico (RODRIGUES, 1993). Por assim dizer, ainda na contramão da ideia de um jornalismo contextualizante:

O chamado presentismo no jornalismo nos remete a sensação de um presente infinito, do tempo que parece nunca escoar, firmada pela intensidade da vivência. Um presente desancorado do passado que lhe precedeu e do futuro cada vez mais imediato. (BRUCK; OLIVEIRA, 2017, p. 127).

Partimos do princípio de que o jornalismo contextual deriva, em termos diacrônicos e sincrônicos, do jornalismo interpretativo. Ambos objetivam lidar de modo diferenciado com o conteúdo noticioso, não se esgotando na divulgação do acontecimento, mas procurando fornecer ao leitor abordagens que o informem de modo mais esclarecedor, prática em geral não usual no jornalismo cotidiano. Procurando qualificar o que seria o jornalismo interpretativo, Salgado e Strömbäck (2015) sinalizam:

Na maioria dos casos, o jornalismo interpretativo é conceituado como uma proposta que se opõe ou vai além do jornalismo descritivo, que é baseado nos fatos e orientado pela fonte; implicando um certo controle do jornalismo sob o conteúdo noticiado e uma voz jornalística que é proeminente, o que pode incluir comentários de jornalistas; implicando uma forte ênfase no tema escolhido pelo jornalista; assim como também implicando um foco no *porque* das notícias, no que elas significam, ao invés

de focar no Quem, O Que, Onde e Quando. (SALGADO; STRÖMBÄCK, 2015, p. 149, tradução nossa)³.

Por sua vez, Franklin *et al.* (2005) enfatizam que o contexto no jornalismo se daria a partir de três abordagens distintas: (1) como contexto de produção, que inclui situações ocorridas ao jornalista durante o processo de produção da notícia; (2) como *background* para a notícia, que abarca informações anteriores que estejam relacionadas ao assunto abordado; e (3) como contexto político, histórico e/ou social que se relacionem ao fato relatado, fator que, segundo os autores, auxiliaria o leitor a compreender e interpretar o conteúdo que acessa. Para a proposta de jornalismo contextual considerada por este artigo, a perspectiva que nos mais interessa seria a última, haja vista que, por meio de sua tática, não apenas oferece informações adicionais à notícia, mas propicia uma nova e suposta melhor experiência de leitura e compreensão do fato noticiado.

Fink e Schudson (2014) tentam elucidar o que essencialmente caracterizaria o jornalismo contextual, tentando percebê-lo a partir de sua potência explicativa e de alargamento do processo de significação:

Reportagens contextuais tendem a focar no grande plano do acontecimento, provendo contexto para outras notícias. [...] São explicativas por natureza, e algumas vezes surgem ao lado de reportagens convencionais para complementar a versão seca e factual das notícias daquele dia. [...] Reportagens contextuais são geralmente escritas no presente, já que elas tendem a descrever processos e atividades que estão em curso, ao invés de eventos que já ocorreram. Por outro lado, elas também podem ser escritas no passado, caso seu objetivo seja prover contexto histórico. (FINK; SCHUDSON, 2014, p. 10, tradução nossa)⁴.

O entendimento é de que o jornalismo contextual se coloca, muitas vezes, de modo complementar e de expansão de sentidos em relação ao jornalismo *hard news*, oferecendo conteúdos e condições de inteligibilidade que ultrapassem o que é geralmente a cobertura

³ No original: "In most cases interpretive journalism is conceptualized as opposed to or going beyond descriptive, fact-based or source-driven journalism; entailing greater journalistic control over news content and a more prominent journalistic voice, which may include overt commentary by journalists; entailing a stronger emphasis on the theme chosen by the journalist; and as entailing a focus on the meaning and Why of news rather than on the Who, What, Where and When". (SALGADO; STRÖMBÄCK, 2015, p. 149).

⁴ No original: "Contextual stories tend to focus on the big picture, providing context for other news. [...] It is often explanatory in nature, sometimes appearing beside conventional stories to complement the dry, 'just the facts' versions of that day's events. [...] Contextual stories are often written in the present tense, since they describe processes and activities that are ongoing rather than events that have been both initiated and completed in the preceding hours or days. Alternatively, they may be written in the past tense, if their purpose is to give historical context." (FINK; SCHUDSON, 2014, p. 10).

superficial cotidiana (FINK; SCHUDSON, 2014). Outro aspecto a ser percebido a partir de Fink e Schudson, é de como o contextual se vale do acionamento da memória.

Anderson, Bell e Shirky (2013), por sua vez, defendem um fazer jornalístico que não se prenda unicamente à divulgação dos fatos, mas que se dedique à explicação e contextualização das notícias que são entregues à sociedade. Para os autores, o futuro da profissão de jornalista reside, parcialmente, em sua função de explicar o mundo, e não mais apenas noticiar os fatos.

Jornalistas não são meros narradores de fatos. Precisamos, hoje e num futuro próximo, de um exército de profissionais que se dedique em tempo integral a relatar fatos que alguém, em algum lugar, não deseja ver divulgados, e que não se limite apenas a tornar disponível a informação (mercadoria pela qual somos hoje inundados), mas que contextualize a informação de modo que chegue ao público e nele repercuta. (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 3).

Já para Pavlik (2001), o jornalismo contextualizado possui cinco dimensões básicas: amplitude de modalidades comunicacionais, hipermídia, maior envolvimento de audiência, conteúdo dinâmico e customização. Como indicado por Pavlik, a internet permite ao jornalismo a possibilidade de contar uma história sem os limites presentes nas mídias analógicas, dando espaço ao conteúdo digital, audiovisual e interativo. Para o autor, investir em um jornalismo efetivamente contextual vai além da potencialização informacional, e constitui-se também um tipo de resposta à construção da própria democracia.

O jornalismo contextualizado pode trazer uma variedade de potenciais benefícios à cidadania e à democracia, incluindo reportagens mais engajadas, informações mais completas, e notícias que refletem de uma maneira melhor as complexidades e nuances de uma sociedade cada vez mais diversa e plural. A democracia depende em uma sociedade informada. (PAVLIK, 2001, p. 23, tradução nossa)⁵.

Fink e Schudson (2014) também consideram que o contexto tem potencializado o jornalismo meramente informativo. Para eles, “o jornalismo contextual emergiu como uma companhia poderosa e prevalente para o jornalismo convencional. O impacto que ele irá

⁵ No original: “Contextualized journalism can bring a variety of potential benefits to the citizenry and to democracy, including more engaging reporting, more complete information, and news that better reflects the complexities and nuances of an increasingly diverse and pluralistic society.” (PAVLIK, 2001, p. 23).

causar no modo como as pessoas enxergam o mundo ainda precisa ser explorado.” (FINK; SCHUDON, 2014, p. 18, tradução nossa)⁶.

3 Jornalismo e Memória

Pensando nas práticas de construção e abordagens utilizadas pelo jornalismo contextual, torna-se impossível desconhecer a relevância que aí pode ter a memória como um de seus recursos, percebendo-a em sua potência em termos de contextualização, dado o seu poder de conectar causalidades e iluminar o presente, como nos mostra Le Goff (1990):

a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 366).

Le Goff aponta que a memória é a faculdade humana responsável por reconhecer e organizar vestígios mnemônicos – ou seja, relativos à memória – que, de algum modo, nos cercam socialmente. Também abordado por Le Goff (1990) é o estudo de Pierre Janet, que afirma que o principal ato mnemônico atribuído ao ser humano é o comportamento narrativo, o que seria, para Le Goff (1990) a função social primordial de comunicação.

Ao buscar uma crítica à noção dos jornalistas como *senhores da memória*, Marialva Barbosa (1995) também destaca esse complexo jogo temporal de que resulta a prática jornalística. Em artigo publicado ainda quando de uma internet incipiente no Brasil (e em grande parte do mundo), o entendimento da autora acerca das relações do jornalismo com o tempo permanece bastante válido. Para Barbosa, o tempo da narrativa jornalística mostra uma repetição sistemática da quebra da normalidade.

Já no entendimento de Benetti e Freitas (2015), o jornalismo, valendo-se da memória, seria capaz de articular as memórias existentes em nosso armazenamento social, pessoal e histórico, e a partir desses dados, construir ele também um novo arcabouço memorialístico.

A narrativa é um modo de resgate dos acontecimentos transcorridos, e o discurso jornalístico assume um lugar diferenciado, entre todos os discursos, devido ao seu estatuto de compromisso com a verdade. A relação entre memória e jornalismo apresenta uma responsabilidade de duas ordens – ora com a noção de real, ora com o conhecimento histórico. O

⁶ No original: “Contextual journalism has emerged as a powerful and prevalent companion to conventional reporting. Its impact on how people understand their world has yet to be explore.” (FINK; SCHUDON, 2014, p. 18).

compromisso com o real apontará à verossimilhança a partir do entendimento mimético apoiado no discurso realista, e o compromisso com o conhecimento histórico guiará as questões da memória coletiva, que estão atreladas às heranças e às formas de conferir sentidos ao que ocorre na atualidade. (BENETTI; FREITAS, 2015, p. 170).

Para Martins (2014), a memória pode ser responsável pela inclusão de informações extras, porém não supérfluas, às matérias jornalísticas, proporcionando dados adicionais, relacionando assuntos similares e antecedentes ao fato noticiado. Outro modo relevante da presença da memória no jornalismo se daria por meio da publicação de conteúdos de acervo, que podem ser levados novamente à tona pela incidência de algum fato atual que a eles estejam relacionados. Palacios (2010) discute o papel do jornalismo e os usos que este faz da memória, afirmando que “o jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado.” (PALACIOS, 2010, p. 40-41). O autor chama atenção para as diferentes formas de presença da memória no jornalismo, seja em caráter comemorativo, de marcação temporal – para indicar o fim de uma temporada ou período, e até mesmo as já conhecidas retrospectivas exibidas pelos meios de comunicação a cada virada de ano (PALACIOS, 2010).

Contudo, os usos da memória pelo jornalismo vão além das pautas que, em função de seus enfoques, acabam por acionar reminiscências. Segundo Palacios (2010), a memória atuaria também como ponto de comparação entre eventos passados e atuais, ou como um “convite à nostalgia” para determinado assunto (PALACIOS, 2010). Benetti e Freitas (2015) chegam mesmo a afirmar que o jornalismo, ao tentar articular diversas faces memorialísticas dentro de um contexto atual, funcionaria como um “lugar de memória”:

O jornalismo, preso à temporalidade, necessita imprimir datas, mostrar a urgência do agora, revisitar o passado e fornecer a sensação de que é possível ordenar o caos do futuro. Em meio ao desafio de compreender a realidade e a dinâmica dos acontecimentos, a narrativa jornalística é um lugar de memória. (BENETTI; FREITAS, 2015, p. 172-173).

Para as autoras, o jornalismo teria a capacidade de se impor como um “sujeito capaz de construir memórias”, posto que as práticas discursivas que compõe a narrativa jornalística configuram modos de “produzir a tessitura de uma memória.” (BENETTI; FREITAS, 2015, p. 177). Ao trazer para a atualidade temas que surgiram no passado, o jornalismo performa na

construção de novas percepções e configurações da temporalidade vivida socialmente. Benetti e Freitas (2015) chamam atenção para a questão do presente trabalhada pelo jornalismo, que não diz respeito apenas ao agora, mas sim, à contemporaneidade como um todo (BENETTI; FREITAS, 2015). As autoras retomam o conceito de “tríade do presente absoluto” – originalmente abordado por Santo Agostinho, e o utilizam para caracterizar o modo pelo qual o passado é introduzido nas reportagens e produções jornalísticas atuais: existiria o “presente das coisas presentes”, “presente das coisas passadas” e “presente das coisas futuras”:

No “tempo presente das coisas passadas”, a partir de uma compreensão histórica, tem-se o jornalismo explorando e retomando o que já ocorreu. No “presente das coisas presentes”, o fato é desvelado e inscrito como acontecimento em processo, aquilo que acontece agora e pode acontecer a todo momento. O “presente das coisas futuras” visa antecipar acontecimentos, o que permite fazer previsões e delinear prováveis cenários. (BENETTI; FREITAS, 2015, p. 180).

Bardoel e Deuze (2001), ao estudarem o desenvolvimento do jornalismo produzido na internet buscam categorizar o que consideram suas quatro principais características: hipertextualidade, multimidialidade, personalização e interatividade. Por sua vez, Mielnikzuk (2003) a partir dos estudos de Palacios (1999), acrescenta uma quinta característica às quatro anteriores: a memória. A noção de memória, nessa perspectiva, é relacionada à elevada e complexa capacidade de armazenamento permitida pelo meio online, além da facilidade de acesso a esse acervo. Diferente dos meios analógicos, no ambiente digital um documento antigo pode ser facilmente localizado e acessado.

De acordo com Barbosa, Normande e Almeida (2014), o cenário atual do jornalismo digital é o da ação conjunta entre os meios jornalísticos, que unem diferentes processos e produtos, possibilitando a criação de um novo fluxo de produção, edição e distribuição dos conteúdos. Os autores denominam esse processo de convergência jornalística como *continuum multimídia* (BARBOSA; NORMANDE; ALMEIDA, 2014). Por sua vez, Palacios (2010), entende que reportagens e especiais memorialísticos estão se tornando cada vez mais comuns no *jornalismo digital*, e acabam por produzir “uma espécie de presentificação dos fatos, algumas vezes, inclusive narrando-os como se estivessem acontecendo na atualidade” (PALACIOS, 2010, p. 47).

A partir do *jornalismo digital* tem sido possível a realização de diversos experimentos de hibridização entre os textos jornalísticos e relatos de memórias ao longo das reportagens. Por essa razão, este artigo procurou também compreender as reportagens multimídias, ao considerar que elas têm possibilitado ao jornalismo caminhos para experimentações e aprofundamentos dos conteúdos que aborda.

Por assim dizer, a reportagem multimídia se destaca do *hard news* não apenas pelos modos de abordagem, angulações e enquadramentos que engendra, mas também por fundamentalmente se valer de uma diversidade de recursos técnico-linguageiros (texto, fotografia, vídeos, gráficos etc), articulando-se em torno da multimidialidade (PALACIOS, 2003, p. 3).

4 Em busca de contextos

Diversos portais jornalísticos brasileiros, muitos deles – na contramão do texto imediato e superficial – têm buscado oferecer reportagens que almejam ser contextualizantes e, para tal, em função da narrativa que empreendem, acionam a memória. Neste artigo, nos debruçamos sobre o *Nexo Jornal* e o *Uol TAB*, por entender que ambos demarcam, de modo claro, esse acionamento da memória como recurso e estratégia contextualizante.

O *Nexo* nos parece um significativo exemplo de como a memória por vezes é acionada como ferramenta e mesmo estratégia de construção narrativa presente no jornalismo de contexto. Lançado em novembro de 2015, o *Nexo* afirma-se um operador do jornalismo contextual que investe em textualidades que teriam o condão de oferecer ao leitorado esclarecimentos e aprofundamento dos temas abordados. É perceptível no jornal, nesse sentido, o investimento na memória como recurso contextual e explicativo. Atualmente, o jornal não abriga nenhuma publicidade, sobrevivendo basicamente da renda obtida por suas assinaturas. Resultado de uma iniciativa independente, o portal não possui qualquer espécie de laços com associações ou grandes grupos da comunicação no Brasil.

Neste artigo, consideramos também como *corpus* de análise textualidades do *UOL Tab*, tomando como pressuposição, igualmente, que o site apresenta reportagens multimídia que se valem da memória para oferecer ao leitor uma contextualização dos conteúdos abordados. Em nosso entendimento, tanto as reportagens analisadas do *Nexo* quanto as do *UOL Tab* podem ser entendidas como reportagens multimídias de natureza memorialística.

A fim de compreender os modos como a memória é acionada pelos portais *Nexo Jornal* e *UOL Tab* em suas reportagens, a partir do trabalho exploratório nos dois ambientes jornalísticos digitais, chegamos a três categorias de observação e análise: (1) como a reportagem em sua integralidade ou parcialmente privilegia a memória conectando temporalidades: passado, presente e futuro. Com esta categoria, buscamos elucidar o papel do jogo de temporalidades produzido pelas reportagens, partindo do pressuposto de que as diferentes inserções temporais nos textos promovem uma aproximação e articulação entre passado, presente e futuro; (2) elementos memorialísticos de natureza multimídia como essência narrativa contextual. Esta segunda categoria tem o objetivo de ajudar a perceber nas reportagens a utilização de textualidades memorialísticas em formato multimídia que acabam por auxiliar na contextualização do texto e, por fim, (3) a memória como reveladora da trama e tensionamentos de acontecimentos e perspectivas históricas. Diz respeito a eventuais tensionamentos entre memória e história nas reportagens analisadas, que, por meio de menções e inserções históricas de acontecimentos acaba por também acionar o aspecto memorialístico deste determinado evento. Nosso estudo analisou um conjunto mais amplo de 15 reportagens do *Nexo* e do *UOL Tab*, mas para este artigo optou-se por apresentar a análise de quatro reportagens que nos pareceram mais significativas em termos da presença da memória, observada a partir das categorias aqui mencionadas.

4.1 Nexo

Na primeira reportagem analisada, *As músicas dos 100 anos com samba* (RONCOLATO; TONGLET, PRADO, 2016) foi possível identificar de modo mais evidente duas das três categorias firmadas neste estudo: a primeira, que diz respeito à conexão de temporalidades e a segunda, que diz respeito a elementos multimídia que funcionam à memória e à contextualização. A mencionada reportagem, partindo desde o início do século XX, realiza um retrospecto da história do samba no Brasil, abordando desde o primeiro samba gravado no país até as criações do estilo musical atualmente. O protagonismo do recurso multimídia, análise presente na segunda categoria, pode ser percebido pela utilização de players de áudio embutidos na reportagem, permitindo que o leitor acompanhe a história das canções no texto simultaneamente ao momento em que escuta o áudio naquele mesmo espaço.

Um exemplo é a execução da música “*Pelo Thelephone*”, de Donga (Ernesto dos Santos), gravada em 1916. Por meio da possibilidade de transmissão instantânea do áudio da canção, o leitor acaba por adentrar de modo aprofundado no ambiente abordado pela reportagem, além de vivenciar naquele instante um recorte cultural da época do início do século XX. Outro indício de acionamento do memorável por meio da utilização de potencialidades multimídia na reportagem é o uso de imagens da época, que ilustram e contextualizam o conteúdo, como a foto do registro da partitura da canção, datada de 1916.

Já a conexão de temporalidades, eixo proposto na primeira categoria de análise, fica evidenciada a partir das diversas inserções dos *players* de músicas que são disponibilizados na reportagem. Por meio das várias inserções musicais, que datam desde o início dos anos 1910 até 2016, a reportagem entrega diversas temporalidades em um mesmo espaço, aguçando sentidos e percepções que remetem à memória daqueles tempos. Desde “*Pelo Thelephone*”, gravada e distribuída em 1916, até canções da artista contemporânea Teresa Cristina, o leitor acessa, por meio da audição, diversas temporalidades em um mesmo ambiente, aguçando sentidos e percepções que remetem à memória dos tempos passados e presente. O recurso multimídia neste caso possibilita ainda a percepção da qualidade sonora das gravações que, com o passar dos anos, foi sendo aprimorada e passou a gerar registros cada vez mais limpos e livres de ruídos – detalhes comumente presentes nas produções da década de 1910, por exemplo.

A reportagem *5 artistas do passado vistas por 5 contemporâneas* (LIMA; QUADROS; FALCÃO, 2019) utilizou como gancho jornalístico a exposição de duas mostras artísticas que estavam abertas ao público no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), em 2019: a exposição *Histórias Feministas*, que reuniu produções de artistas mulheres após os anos 2000, e a exposição *Histórias das Mulheres: artistas até 1900*, com produções de artistas mulheres antes do século XX. Buscando promover um debate entre essas duas temporalidades, o *Nexo* convidou cinco artistas presentes na exposição *Histórias Feministas* para comentar obras da exposição *Histórias das Mulheres: artistas até 1900*, por meio de *players* de áudios dispostos ao longo da reportagem.

Reportagem que também se vale essencialmente de gestos de memória, o acionamento do memorável se realiza por meio de recursos multimídia em toda a narrativa. Isso fica perceptível através das imagens de exposições passadas que são dispostas ao longo do texto e também nos comentários das artistas contemporâneas sobre as obras da exposição

Histórias das Mulheres: artistas até 1900, que foram feitos por meio de *players* de áudio, em que cada uma das comentaristas narra suas percepções sobre as obras em questão.

Observando a reportagem sob a perspectiva da articulação de temporalidades, a análise torna-se ainda mais potente. Essa compreensão é perceptível no comentário da artista Carla Zaccagnini sobre a obra “Soldado do primeiro batalhão de infantaria do exército”, circa 1895, de Maria Emília de Campos. No comentário, Zaccagnini propõe uma imersão na obra, imaginando o momento exato daquela cena e quais as circunstâncias em que o esboço ocorreu. Por meio de uma breve contextualização histórica da época, feita pela artista, o leitor é convidado a adentrar o universo da pintura, guiando-se pela narrativa em áudio de Carla, e transportando-se para aquele instante.

O soldado está sentado, mas pronto. Não é momento de fumar, jogar dados ou cartas, não é momento de passeio, nem de olhar em volta, ver quem passa. A mão direita não solta a arma. A mão direita carrega sempre um pentagrama, uma estrela de cinco pontas, como a do Primeiro Batalhão, mas também de muitas outras. [...] Na realidade, o que me fez pensar não foi tanto o soldado sentado, mas o soldado sentado pra ela. Fiquei imaginando esse encontro, mesmo que tenha sido só um esboço rápido o que ela fez observando o modelo, houve um momento em que esse soldado, e o treinamento de todos os seus músculos, e o som dos disparos, lembrado ou temido, esse soldado e todo o exército que ele ecoa no uniforme, posaram pra ela. – trecho transcrito do áudio presente na reportagem do Nexo. (LIMA; QUADROS; FALCÃO, 2019).

O tensionamento memorialístico e histórico que emerge no texto se dá pelo fato de, ao divulgar as duas mostras sobre as quais a reportagem comenta e promove o debate, o *Nexo* acaba também por abordar um dos temas de fundo da própria exposição: o trabalho de importantes mulheres artistas em séculos anteriores ao XX. Isso se evidencia no excerto abaixo da reportagem.

“Histórias das mulheres” revela ao espectador que grandes artistas mulheres existiram e em quantidade muito superior à que se poderia imaginar, embora, via de regra, não sejam mencionadas em sala de aula ou em livros de história da arte. (LIMA; QUADROS; FALCÃO, 2019).

Por meio de um mergulho nas mostras, a realização de entrevistas com as respectivas curadoras e o posterior debate promovido pelo veículo, o *Nexo* buscou reavivar a memória acerca dessas artistas anteriores ao século passado, buscando contrapor um apagamento acerca da trajetória pessoal e artística dessas mulheres.

4.2 UOL Tab

Já do *UOL Tab*, a partir de nosso trabalho exploratório, selecionamos as reportagens *Viúvas da Guerra: A vida das iraquianas que carregam no nome a ligação com o Estado Islâmico* (ARANHA, 2018) e *Fuga para o Brasil: A crise da Venezuela explicada por imigrantes que tentam sobreviver em Roraima* (NADDEO, 2018) por possuírem um forte viés memorialístico. A primeira reportagem analisada, *Viúvas da Guerra*, realizada em 28 de maio de 2018, narra a vivência de quatro mulheres que possuem ligação familiar com homens ligados ao Estado Islâmico e as consequências da guerra em suas vidas.

É possível identificar elementos multimídia como texto, fotografias e o uso de infográfico que acabam contextualizando o conteúdo tratado. A reportagem apresenta no texto os relatos e memórias individuais das mulheres, como elemento predominante. Ao longo da narrativa foram colocados os *hiperlinks*, que, por sua vez, permitem o aprofundamento do conteúdo, posto que levam até outras matérias divulgadas pelo site *UOL* que também versam sobre o Estado Islâmico e as consequências da guerra.

No sentido específico desta categoria de análise, a hipertextualidade presente na reportagem pode ser entendida como um recurso memorialístico, pois transporta os leitores a conteúdos publicados à época em que os fatos ocorreram. Dentro dessas matérias há documentos históricos que explicam o contexto no qual as pessoas na região do Oriente Médio vivem e, principalmente, sobre as origens e causas da guerra abordada na reportagem. Outro aspecto a ser mencionado é o fato de a imagem de abertura ser interativa, mostrando fotografias rasgadas de mulheres com crianças e fotos em chamas da cidade. As imagens estão colocadas em meio a escombros, remetendo à guerra entre Estado Islâmico, Estados Unidos e o exército iraquiano que destruiu cidades do Oriente Médio, evidenciando aí seu tom memorialístico.

A memória como ponte entre passado e presente também aqui emerge com força. Durante a narrativa dos testemunhos das mulheres viúvas, a reportagem buscou contextualizar os relatos com informações de recuperação histórica sobre o que acontece no Iraque e na Síria desde 2014, quando o Estado Islâmico tomou o poder. Além disso, a articulação de temporalidades também existe por meio do uso dos *hiperlinks* que redirecionam o leitor a diversas reportagens de diferentes anos. Nessa reportagem, o texto tem forte teor literário, possuindo uma carga descritiva e aprofundada, evidenciando a noção de articulação temporal entre o momento presente e o passado do fato narrado. A utilização

de um infográfico com informações cronológicas sobre os fatos também permite uma melhor compreensão do contexto em que as histórias acontecem. Dessa forma, por meio desse recurso multimídia, a contextualização é potencializada, já que o infográfico acaba adquirindo destaque em meio à reportagem analisada, que é predominantemente textual.

Observamos ainda que, por meio de uma escrita que apresenta traços literários, a memória se torna presente não apenas para as personagens em si, que relatam suas memórias individuais, mas também para o leitor, que consegue projetar a imagem do que é narrado a partir da forma como o relato foi escrito. A reportagem aprofunda as memórias individuais e coletiva (HALBWACHS, 2006) cultural dos países do Oriente Médio, contextualizando também a cultura por detrás desses relatos.

Sendo assim, em toda a reportagem, há uma forte presença das memórias individuais que também estão ligadas à memória coletiva (HALBWACHS, 2006) dos familiares de pessoas que trabalhavam para o Estado Islâmico, sendo possível perceber, ao longo do texto, o tensionamento entre essas memórias e a memória dos governantes que estão do lado oposto da guerra. Gérard Namer (1987), acredita que a “dimensão afetiva da temporalidade da memória coletiva” (NAMER, 1988⁷ *apud* BRUCK; VARGAS; MOREIRA, 2020, p. 6), seria essencial para compreender como a memória coletiva é composta. A forma como os relatos foram escritos permite levar o leitor à emoção presente nos relatos das mulheres, potencializando o entendimento dessa memória partilhada por todo o grupo.

Já a reportagem *Fuga para o Brasil: A crise da Venezuela explicada por imigrantes que tentam sobreviver em Roraima*, de André Naddeo, publicada em 29 de janeiro de 2018, mostra os relatos capturados pelo repórter após permanecer por um mês na cidade de Boa Vista, que foi ocupada por venezuelanos em busca de comida e trabalho. Naddeo relata na primeira pessoa como foi a estadia na cidade, as vivências e também dá voz aos personagens venezuelanos por meio de testemunhos próprios.

Vale-se também de recursos como fotografias, texto, vídeo e infográfico. Na abertura da reportagem, temos trechos de vídeos que mostram imagens de manifestações com confrontos entre a polícia e civis na Venezuela e também imagens de venezuelanos que estão vivendo em situação precária em Boa Vista, no Brasil. Dessa forma, por meio das imagens, temos um acionamento memorialístico com teor esclarecedor e descritivo.

⁷ NAMER, Gérard. Affectivité et temporalité de la mémoire. L'Homme et la société, Paris, n. 90, p. 9-14, 1988. *Apud* Bruck, Vargas e Moreira (2020).

Narrando em primeira pessoa, o jornalista conta sua experiência em campos de refugiados ao mesmo tempo em que traz informações sobre a crise na Venezuela e a situação dos imigrantes. Dessa forma, o teor memorialístico é percebido no testemunho da memória individual do jornalista como voluntário no campo. Ademais, sua narrativa textual é potencializada pela inserção das fotografias, vídeos e infográficos, que possibilitam contextualizar o acontecimento.

Esta reportagem apresenta infográfico que busca traçar o perfil dos venezuelanos não indígenas que chegam ao Brasil. Dessa forma, o infográfico auxilia o leitor em uma compreensão detalhada sobre o tema, entendendo quem são os personagens da narrativa. Da mesma forma, o vídeo é também utilizado para contextualizar o ambiente de confrontos vivenciados na Venezuela. Aqui é importante assinalar o potencial memorialístico existente no *jornalismo digital*, permitido pelo uso do vídeo como material histórico. Assim como afirma Palacios (2014), a memória no *jornalismo digital* é potencializada pela possibilidade de novas inserções narrativas, que possibilitam que materiais e conteúdos passados possam ser acessados no presente.

Em nosso entendimento, fica também evidenciada a importância de fontes como documentos: todas as imagens e testemunhos utilizados na reportagem possuem um potencial documental para retratar a situação dessas pessoas no futuro. Ao longo da reportagem são feitas comparações entre o fluxo de venezuelanos com outros fluxos migratórios, reforçando esse caráter documental. Também é possível pensar que a memória presente nos relatos realiza uma espécie de ponte entre as temporalidades nas histórias dos personagens, que voltam ao passado lembrando suas vidas na Venezuela e comparando suas condições de vida atuais no Brasil.

Destacamos ainda o texto de André Naddeo, com uma narrativa subjetiva e em primeira pessoa que apresenta relatos da sua experiência pessoal como voluntário trabalhando diretamente com os imigrantes venezuelanos em Boa Vista, auxiliando-os com aulas de português. Em seu texto, Naddeo não esconde como se sente sobre a situação dos refugiados. A memória pessoal dele – de teor testemunhal e confessional – sobre os fatos potencializa o tensionamento entre sua vivência e o que pensam as autoridades locais sobre a forma como a questão está sendo tratada. Assim, o repórter busca trazer outros pontos de vista para a reportagem, além de confrontar o que dizem as autoridades com a realidade dos fatos. O acionamento memorialístico é feito por meio do teor esclarecedor e descritivo que Naddeo usa para retratar a questão.

5 Outras considerações

Se, por um lado, a presença do jornalismo na ambiência digital acabou, por assim dizer, por intensificar características como a superficialidade e instantaneidade presentes historicamente no chamado *hard news*, por outro lado, as possibilidades proporcionadas pelos recursos tecnológicos também têm possibilitado o fortalecimento de práticas enunciativas mais diligentes e problematizadoras na cobertura dos acontecimentos. Em um momento de reconfigurações das condições de produção, circulação e consumo dos produtos jornalísticos (DEUZE; WITSCHGE, 2017), entre os novos desafios da compreensão do jornalismo como campo e objeto de estudo, certamente está o redesenho das dinâmicas, práticas e modos de produção conteudística e de articulações de sua narrativa. O presente artigo se propôs a discutir o recurso da memória como potencialização do fazer jornalístico contextual. O caminho que adotamos foi tentar observar de modo recortado e agudo as maneiras pelas quais o fazer jornalístico contextual aciona a substância memorialística na realização de seus conteúdos contextualizantes.

Nossa percepção é de que a memória pode se colocar como importante recurso conteudístico e estratégia narrativa em práticas que tentam melhor circunstanciar a oferta, no âmbito das textualidades jornalísticas de camadas contextualizantes, de condições mais efetivas para que o leitor possa ampliar sua compreensão dos fatos/situações enunciados pelos *media* jornalísticos, na medida em que enseja a busca por *anteriores-novos* vieses dos acontecimentos e suas implicações, colocando-se como potência contextualizadora.

Como o campo profissional e os pesquisadores da área têm percebido, o digital tem possibilitado ao jornalismo se valer de potentes recursos tecnológicos em suas práticas e construção narrativa, além de permitir a ampliação da difusão em rede do conteúdo por diversos dispositivos. Por outro lado, ao refletirmos sobre o acionamento do memorialístico nessa ambiência digital, nosso entendimento é de que no digital a própria memória como recurso contextual se potencializa. Destacamos, nesse sentido, usos de elementos midiáticos presentes, por exemplo, na reportagem multimídia como fotografias, vídeos, áudios, documentos históricos, infográficos, imagens de geolocalização, hiperlinks, entre outros, que oportunizam que a memória efetivamente contribua para o aprofundamento no tema e sua melhor contextualização, destacando-se aí o incremento proporcionado pela multimídia (PALACIOS, 2003, p. 3).

Em nossa análise, pudemos perceber que por meio das narrativas multimídias, o jornalismo, na ambiência digital, tem reconfigurada e redimensionada sua capacidade de aprofundamento e de ampliação os sentidos dos conteúdos abordados. No caso em tela, inscreve-se se valendo de memórias, podendo até mesmo reescrevê-las. O que é facultado, entre outras possibilidades e recursos, por exemplo, pela hiperlincagem, que permite a criação de conteúdos dinâmicos, permitindo que o público tenha a sua disposição mais elementos acerca do tema tratado na reportagem. Ou seja, a memória é ativada como potência contextualizadora da história narrada. Certamente, aí, claro, entram em cena outras decisivas variáveis, em termos de recortes e intencionalidades e relevos do gesto memorialístico, ou seja, as opções sobre o que e como lembrar ou esquecer. O que sugere que a apropriação crítica e contextualizadora da memória na prática jornalística deve ser cada vez mais estimulada e refletida.

Referências

- ANDERSON, Christopher Wright; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 30-89, 2013.
- ARANHA, Carla. Viúvas da Guerra: A crise da Venezuela explicada por imigrantes que tentam sobreviver em Roraima. **TAB UOL**, São Paulo, 28 maio 2018.
- BARBOSA, Marialva. Senhores da memória. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 84-101, 1995.
- BARBOSA, Susana; NORMANDE, Naara; ALMEIDA, Yuri. Produção horizontal e narrativas verticais: novos padrões para as narrativas jornalísticas. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., 2014, Belém. **Anais [...]**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2014. p. 1-19.
- BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism. **Australian Journalism Review**, Australia, v. 23, n. 2, p. 91-103, 2001.
- BENETTI, Márcia; FREITAS, Camila. A fenomenologia da memória e o “homem capaz” do jornalismo. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 28, p. 167-185, 2015.
- BRUCK, Mozahir Salomão. **Biografias e literatura**: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real. Belo Horizonte: Veredas&Cenários, 2010.
- BRUCK, Mozahir Salomão; OLIVEIRA, Max Emiliano. A agônica durée do bricoleur: temporalidades midiático jornalísticas em tensão. In: MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS,

Herom; NICOLAU, Marcos (org.). **Comunicação, mídias e temporalidades**. Salvador: Edufba, 2017. p. 119-135.

BRUCK; Mozahir Salomão; VARGAS, Herom; MOREIRA, Jeane. Memória, poder e verdades: disputas de sentidos no acionamento do memorável no caso do Fundão. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 29., 2020, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande, 2020. p. 1-20.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism. **Sage Journals: Journalism**, London, v. 19, n. 2, p. 165-181, 2017.

FINK, Katherine; SCHUDSON, Michael. The rise of contextual journalism, 1950s-2000s. **Sage Journals: Journalism**, London, v. 15, n. 1, p. 3-20, 2014.

FRANKLIN, Bob *et al.* **Key concepts in journalism studies**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Juliana Domingos de; QUADROS, Thiago; FALCÃO, Guilherme. 5 artistas do passado vistas por 5 contemporâneas. **Nexo Jornal**, São Paulo, 18 out. 2019.

MARTINS, Alysson Viana. Memória como critério de qualidade no jornalismo: apontamentos sobre instituição e organização. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 4, n. 14, p. 121-142, 2014.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: Uma contribuição para o estudo do formato da notícia na notícia hipertextual**. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

NADDEO, André. Fuga para o Brasil: A crise da Venezuela explicada por imigrantes que tentam sobreviver em Roraima. **TAB UOL**, São Paulo, 29 jan. 2018.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 37-50, 2010.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. *In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (org).* **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Editora Calandra, 2003. p. 1-17.

PALACIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. *In: CANAVILHAS, João (org.).* **Webjornalismo: Sete características que fazem a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 89-110.

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. Columbia University Press: Nova York, 2001.
RICOUER, Paul. 2007. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Adriano D. O acontecimento. *In*: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e histórias**. Lisboa: Vega, 1993.

RONCOLATO, Murilo; TONGLET, Ariel; PRADO, Guilherme. As músicas dos 100 anos com samba. **Nexo Jornal**, São Paulo, 23 ago. 2016.

SALGADO, Suzana; STRÖMBÄCK, Jesper. Interpretive journalism: a review of concepts, operationalizations and key findings. **Sage Journals: Journalism**, London, v. 13, n. 2, p. 144–161, mar. 2015.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

ZAMITH, Fernando. **Ciberjornalismo**: as potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

Uses of memory as a resource of context in digital journalism

Abstract

This article aims to discuss aspects of the production of the so-called contextual journalism linked to the notion of memory, in order to understand how it is triggered in the construction of journalistic contents that seek to offer, in a perspective of contextualization, better circumstances for understanding the facts and information reported. To this purpose, reports from the *Nexo Jornal* and *UOL Tab* websites are taken as objects of analysis. A first understanding provided by such approach is that memory can be present in journalism in different ways, highlighting here how it, in the activation of facts and circumstances of the past, can shed light on the present of everyday life. Journalism, so to speak, uses memory at the same time that it contributes to shaping it.

Keywords

Digital Journalism; Contextual Journalism; Memory; Nexó; UOL Tab

Autoria para correspondência

Mozahir Salomão Bruck
mozahir@pucminas.br

Como citar

BRUCK, Mozahir Salomão; PIMENTA, Ana Paula Fernandes; MARQUES, Carolina Lopes. Usos da memória como recurso de contextualização no jornalismo digital. **Intexto**, Porto Alegre, n. 53, e-120623, jan./dez. 2022. DOI: <http://doi.org/10.19132/1807-8583202253.120623>

Recebido em 07/12/2021

Aceito em 11/02/2022

Copyright (c) 2022 Mozahir Salomão Bruck, Ana Paula Fernandes Pimenta, Carolina Lopes. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

